

RUA DE SANTA CRUZ

Deliberação de 22-01-1872

Formada pela rua antigamente denominada rua da

Pinga

Início na avenida Orosimbo Maia

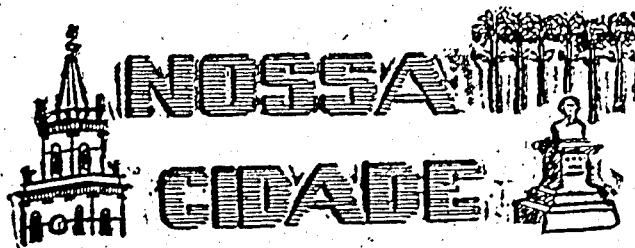
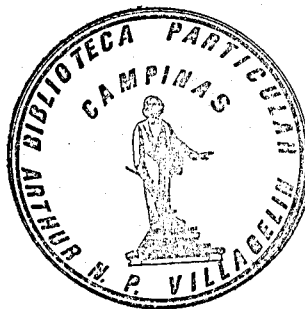
Término na rua Coronel Silva Teles

Cambuí

Obs.: Esta rua, antigamente, era lugar de concentração de tropeiros que passavam para Santos, sendo uma das mais antigas de Campinas. Era centro de comércio, principalmente de venda de pinga, razão porque, foi denominada por populares de rua da Pinga. Em 22-01-1872 passou a ser denominada rua de Santa Cruz, por proposta do vereador dr. Luís Silvério Alves Cruz, em virtude de se localizar ao lado de tradicional capela de igual nome.

SANTA CRUZ

A igreja católica celebra todos os anos em 14 de setembro, a festa da Exaltação ou Glorificação da Santa Cruz. Esta solenidade, é devida ao encontro da verdadeira cruz do Calvário, pela mãe do imperador Constantino. Santa Helena que mandou edificar à sua custa uma basílica magnífica para abrigar a sagrada relíquia. O templo foi consagrado com grande pompa em 14-setembro-355, tornando-se essa data, desde então, uma festa da igreja em louvor do Santo Lenho. Antigamente, a cruz era o símbolo da infâmia. Consistia o castigo de morrer na cruz, o mais doloroso e ignominioso, reservado aos piores criminosos. Pretendeu-se, pois, não somente a morte de Jesús, mas destruir sua obra totalmente. Porém, esse escopo não foi alcançado. Ao contrário. Com a Ressurreição do Senhor ficou comprovada a insignificância de seus detratores e assassinos, tornando-se patente a Verdade, verbalizada por Cristo quando materializou-se em Homem na Terra.



RUAS, PRACAS E AVENIDAS

(trabalho de Alaor Malta Guimarães)
15 DE NOVEMBRO

(Largo de Santa Cruz)

(Fica entre as ruas Major Sólton, Santa Cruz, Irmãos Bierrembah e José Villagelin Junior, no centro da cidade).

A denominação foi dada em 25 de Novembro de 1889, por proposta dos vereadores dr. Salvador Leite de Camargo Penteadó e Antonio Alvaro de Souza Camargo (dados compilados pelo sr. Edmo Goulart, para a publicação de sua autoria "Ruas da Época Imperial"). Chamou-se antes, Praça do Comércio e Largo de Santa Cruz, como até hoje é conhecida.

DADOS HISTÓRICOS: A proclamação da República estava marcada para a noite de 16 para 16 de Novembro, porém, boatos espalhados no dia 14 à noite, da prisão de Deodoro e Benjamin Constant e da ordem de embarque do 7.º de Infantaria e do 9.º de Cavalaria, precipitaram os acontecimentos. Deodoro prevenido por Benjamin, marchou para o quartel da 2.ª Brigada que já encontrou em ordem de marcha. A frente dela seguiu para o Campo de Santana ou da Aclimação (hoje Praça da República). Com toda a tropa diante do Quartel General onde estava reunido o Ministério, avisado pelo Chefe da Polícia, intimou Ouro Preto a demitir-se. Este compreendendo afinal que era inútil resistir, telegrafou ao Imperador, comunicando-lhe a demissão do Ministério. A seguir a tropa passou pela cidade e na passagem do Arsenal da Marinha o Almirante Wandenkol, assegurou-lhe a adesão da armada. As 3 horas, na Câmara Municipal, José do Patrocínio proferiu brilhante discurso, sendo lavrada ata em que se declarava proclamado, pelo povo, o governo republicano no Brasil, aos 15 de Novembro de 1889.

RUA DE SANTA CRUZ

RUA DA PINGA -

Local de botequins e
e depositos, onde a bebida era comerciada a
granel aos viajantes e comboieiros de esca
vos que ali faziam ponto de estacionamento,
pernoitando nos ranchos de Santa Cruz.

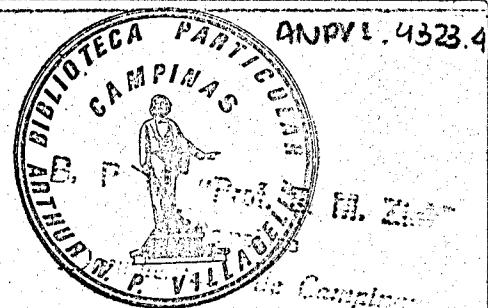
Nome atual: RUA DE SANTA CRUZ

(Extraído de "Nomes pitorescos das Ruas e
Praças Existentes em 1848", às fls. 8 do
2º Caderno da edição especial do jornal
"Correio Popular" de Campinas, de 14 de
julho de 1974. Edição comemorativa do
Bi-Centenário de Campinas)

anpv/02/83



SANTA CRUZ - Rua



Foi essa rua, antigamente, lugar de concentração dos tropeiros que passavam para Santos, sendo uma das ruas mais antigas de Campinas.

Era centro de comércio, principalmente da venda de pinga e por esse motivo, foi denominada pelos populares, Rua da Pinga.

Mais tarde, por volta de 1904, a Câmara Municipal resolveu denominá-la Rua Santa Cruz, devido à capelinha ali existente.

No local, havia também um rancho, que era mantido pelo governador da província de São Paulo.

// - //

Dados fornecidos à Biblioteca Pública Professor Ernesto Manoel Zink", pelo historiador, Senhor Júlio Mariano.

Campinas, 17 de agosto de 1973.

Em "Efemérides Campineiras", de autoria de José de Castro Mendes, referente a 08-JANEIRO, diz:

"A tradicional rua da Pinga passa a denominar-se Rua de Santa Cruz".



RUA DE SANTA CRUZ

Designada em 22-janeiro-1872

A Sagrada Liturgia celebra no dia 14 de setembro a festa da Exaltação ou Glorificação da Santa Cruz. O objeto inicial dessa solenidade foi o encontro da verdadeira Cruz do Calvário pela mãe do imperador Constantino. Santa Helena, que mandou edificar à sua custa uma basílica magnífica para abrigar a sagrada relíquia. O templo foi consagrado com grande pompa no dia 14 de setembro do ano 355, tornando-se essa data, desde então, uma festa na Igreja Universal em louvor do Santo Lenho.

Essa comemoração tornou-se ainda mais solene a partir do século sétimo, quando o imperador bizantino Heráclio reconquistou das mãos dos persas, após memorável batalha, o mais precioso tesouro dos cristãos, que permaneceu na posse dos infiéis durante 14 anos.

Na festa da exaltação da Santa Cruz do ano 629, o Santo Lenho foi reintroduzido na basílica constantiniana de Jerusalém, em meio a muitos milagres. Um deles se deu com o próprio imperador. Com seu mais solene traje, coberto de ouro e pedrarias, Heráclio caminhava com a Santa Cruz às costas, rumo à colina do Calvário. De repente, na porta da cidade situada na direção do Calvário, sentiu-se preso por uma força invisível que não o deixou prosseguir. O Patriarca de Jerusalém, Zacarias, testemunha ocular do fato, advertiu o imperador: "Com estas vestes estais longe de imitar a pobreza de Jesus Cristo e a humildade com que levou a Cruz". Heráclio despojou-se da riquíssima indumentária, descalço e coberto apenas por um manto ordinário, conseguiu levar, sem dificuldades, a Santa Cruz até o Calvário.

MEDITAÇÃO

Para auxiliar o leitor a meditar piedosamente o mistério da Cruz, registramos algumas reflexões sobre dois pressupostos da festa: no que consiste a glorificação, e o admirável ato de reparação que se pratica venerando o Santo Lenho.

E preciso lembrar que, na Antiguidade a cruz era propriamente o símbolo da infâmia. Consistia o castigo mais doloroso e ignominioso, reservado aos piores criminosos.

Os príncipes dos sacerdotes e fariseus, condenando Nosso Senhor à Cruz, visaram não somente sua morte, mas destruir sua obra até os últimos fundamentos.

Pelas virtudes que transuziam em sua Pessoa adorável, pelos inúmeros milagres, e por sua sublime doutrina, Nosso Senhor havia conquistado muitos simpatizantes e tinha uma grande influência junto ao povo.

Os filhos de Israel ouviam Nosso Senhor no Templo, cheios de admiração. "Todo o povo ficava arrebatado quando o escutava" (S. Lc. 19, 48). A entrada triunfal em Jerusalem, no Domingo de Ramos, constituiu, para Nosso Senhor, um auge de glorificação, intolerável para o Sinédrio.

Decidiram então matá-lo, mas de tal modo que a reputação, o prestígio, e a benéfica influência de Nosso Senhor desaparecessem completamente.

Pelo suplício da cruz, o mais infamante, as autoridades religiosas esperavam atingir seus sinistros desígnios.

Useiros e vezeiros na arte de subornar, intimidar, e mover os homens por todos os meios, até mesmo ilícitos, os sacerdotes do Templo amotinaram os judeus contra o Salvador, procurando, entretanto, eliminá-lo com todas as aparências de legalidade, no foro civil de Pilatos e no eclesiástico, isto é, no Sinédrio. Articularam assim contra o Homem-Deus que passara a vida fazendo o bem, todo o peso da religião oficial israelita e do Estado, submetido aos romanos, a fim de o aniquilar aos olhos do público.

O intuito de macular a reputação de Nosso Senhor, fazendo-o passar por impostor, tornou-se patente, mediante os insultos que foram lançados contra o Crucificado, no Calvário: "Se és o Filho de Deus, desde da Cruz" (S. Mt. 27, 40).

All estava, segundo os fariseus, o fato palpável, concreto, incontestável: Nosso Senhor não conseguira evitar a prisão, os maus tratos e, por fim, a crucifixão. Portanto, Ele não era Deus, e seus milagres não passaram de embustes.

Conta Maria de Agreda, a grande mística espanhola do século XVII, que o demônio desejando levar a humilhação de Nosso Senhor a um climax, planejou derrubar a cruz e lançar a Sagrada Face contra o solo. Mas Nossa Senhora não permitiu a realização deste nefando intento.

Quando os príncipes dos sacerdotes e fariseus foram pedir a Pilatos uma guarda para o sepulcro, alegaram precisamente o argumento de que era preciso evitar que os discípulos roubassem o corpo e espalhassem o boato da ressurreição. E afirma em que isto seria o pior do que se não o matassem. Aqueles ímpios estavam dominados de um verdadeiro pavor de que persistisse qualquer memória do Redentor, algum resto de influência, devendo ser evitada toda a possibilidade disso.

Não suspeitavam que, com essa medida, colaboravam

para provar a autenticidade da Ressurreição. Era do demônio, uma vez mais, que pisava no próprio rabo...

Demolir não só a Pessoa de Nosso Senhor, mas toda sua obra, eis o objetivo satânico dos filhos das trevas, que devemos ter presente ao meditarmos o mistério da Cruz.

Qual o resultado do excelso Sacrifício da Cruz?

Morrendo no alto do Gólgota, Nosso Senhor operou a Redenção do gênero humano. Após o "consummatum est", o Padre Eterno abriu as portas do Céu para os homens, privados da visão beatífica em consequência do pecado original. Jesus ressuscitado desceu ao limbo, e introduziu triunfalmente no Paraíso as almas dos justos do Antigo Testamento.

O que era um instrumento de infâmia, transformou-se em símbolo de salvação na Cruz; o demônio foi irremediavelmente derrotado, inaugurando-se nova era na face da terra. E até o final dos séculos a Cruz será o sublime sinal de salvação, de sacrifício amoroso e de nobreza.

Glorificando hoje a Santa Cruz, oferecendo solene reparação pelo deícidio perpetrado no Calvário, nós consolamos Nosso Senhor crucificado e aliviamos seus padecimentos. Sendo Deus, Ele está fora e acima do tempo. Há dois mil anos Ele viu nosso gesto agora praticado, alegrou-se com ele, e experimentou uma atenuação em seus sofrimentos.

E uma misteriosa retroativa mística, incompreensível para nós, mas perfeitamente real.

Desejosos de prestar condigna homenagem ao Santo Lenho, nesta época de tanta apostasia, tristezas e misérias morais, podemos pedir à Virgem Maria que oscule a Santa Cruz por nós, completando com seu amor superlativo a insuficiência do nosso. E peçamos a Nosso Senhor que receba o ósculo de sua Mãe Santíssima, como se fosse dado por nós.

Contemplando em espírito esta excepcional veneração, rezemos contritos a oração da Igreja: "O Deus, que hoje nos alegras com a anual solenidade da Santa Cruz, fazel que, venerando na Terra o seu mistério, mereçamos alcançar no Céu o prêmio da Redenção que nela se operou. Pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo". (Introito da Missa da Exaltação da Santa Cruz).

("Folha da Tarde" de S. Paulo, de 09-07-1980)

COLUNA CATÓLICA

ESTANISLAU DO CARMO

Exaltação da Santa Cruz

Heróis da Laguna

"Aqui estacionaram os heróis de Laguna em marcha para o norte do Paraguai tendo partido de São Paulo em 10-4-1865, sob o comando do cel. Drago".

Essa inscrição, firmada em pedra de enormes proporções, marca num dos recantos do Largo da Santa Cruz o exato local onde sessenta e seis dias estiveram acampadas em Campinas as tropas que, sob o comando do cel. Manoel Pedro Drago, procediam da Capital do Império com destino aos campos de luta da Guerra do Paraguai.

Exatamente no dia de hoje por volta de 11 horas, chegava aquele grupo de Voluntários da Pátria aos terrenos do antigo bairro da Santa Cruz onde levantaram acampamento.

Entre as tropas que meses após, na fronteira do Paraguai, viveram os lances dramáticos da Retirada de Laguna figurava ainda um jovem tenente engenheiro, futuro Visconde de Taunay responsável pelo relato daqueles acontecimentos gloriosos.

ESTADIA

Taunay em suas "Memórias" dá-nos conta da estadia do grupo do cel. Drago na Campinas de 1865 quando diariamente eram improvisadas solenidades, festas, banquetes e passeios em honra da soldadesca que se dispunha a ir combater a ambição de Solano Lopez.

Por motivos vários e principalmente pelo carinho com que o corpo de guerreiros foi recebido na cidade a estadia foi sendo prolongada, pois Campinas oferecia o melhor de seus entretenimentos àqueles que iriam morrer pela Pátria nas proximidades do rio Apa em Coxins.

Enquanto a soldadesca permanecia no acampamento improvisado da Santa Cruz a oficialidade foi hospedada em várias resi-

dências, inclusive na bela Chácara do Raimundinho (Raimundo Leme Cavalheiro) situado no atual bairro do Guanabara; hospedou o cel. Drago a família do cel. Joaquim Carlos Duarte.

Campinas viveu grandes dias em contato com aqueles militares recém-chegados da Corte, segundo se apura ainda pelas "Reminiscências de Campinas" de Vitalina Pompeo de Souza Queiroz, citada por Jolumá Brito em sua "História de Campinas".

As 10,30 horas, do dia 20 de junho de 1865 com suas fardas vistosas e cavalaria bem tratada deixou Campinas a Coluna do cel. Drago sob aplausos do povo da cidade que saiu as ruas o dos acordes vibrantes da banda musical.

RETIRADA DE LAGUNA

Em pleno aceso da Guerra do Paraguai quando se travavam as batalhas de Riachuelo, Tuiti, Humaltá, Itororó teve-se necessidade de se enviar tropas por terra que através de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso atingissem o campo de luta.

Assim foi que a coluna militar entregue ao comando do cel. Drago deixou o Rio de Janeiro e re-fazendo o Rotero de Bartolomeo Bueno da Silva, de São Paulo, Jundiá passaram por Campinas com destino a Mogi Mirim, Uberaba e finalmente Coxins.

Após alguns encontros com as tropas paraguayas em território estrangeiro, vivendo inúmeras peripécias, escassez alimentar, vias agrestes e o terrível mal do "colera morbus" foi obrigada a realizar a retirada gloriosa.

A Municipalidade em 1940, por iniciativa de várias personalidades e de uma comissão formada no Centro de Ciências Letras e Artes colocou expressivo marco exatamente no lugar utilizado pelo acampamento.